
Fake News Versus MIL: a Difícil Tarefa de Desmentir Goebbels ¹

Miguel QUESSADA²

Lícia Frezza PISA³

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas, Passos, MG

RESUMO

Atribuída a Goebbels – ministro da Propaganda de Adolf Hitler – a frase de que uma mentira propagada mil vezes torna-se verdade é um bom exemplo de como as *fake news* (*hoax*) agem na era da pós-verdade. Depois que um boato ganha as redes sociais, ele é proliferado em uma velocidade recorde de modo que sirva para embasar opiniões. No mundo político e principalmente em época eleitoral, as *fake news* são disseminadas mesclando verdades com mentiras com o objetivo de reforçar o viés de confirmação daqueles que são contrários a alguns candidatos. O deputado federal Jean Wyllys (PSOL –RJ) é clássico exemplo e vítima de boatos. O presente artigo mostrará como o jornalismo tem lidado com isso e como a AMI pode ajudar no combate aos boatos.

PALAVRAS-CHAVE: *fake news*, *hoax*, boatos, MIL, Jean Wyllys,

Introdução

A ideologia e a propaganda nazista foram fundamentais para disseminação do antissemitismo. Herf (2014), contudo, demonstra que a propaganda encontrou eco porque o sentimento de antissemita já existia no povo alemão. A disseminação da propaganda utilizava de todos os recursos disponíveis da época, sendo espalhada por todo tipo de transporte público, murais e em qualquer lugar que reunisse concentração de pessoas. O autor explica que o “regime nazista jamais cansava de afirmar publicamente: “a culpa é dos judeus. A culpa é dos judeus”. Hitler nomeou Goebbels para o ministério da Propaganda e Otto Dietrich para chefiar e controlar toda a imprensa. Apesar do último exercer um papel decisivo, somente o primeiro é lembrado pela maioria. Isso deve ao fato de que Dietrich tentou se livrar da condenação imputando todos os crimes a Goebbels - já morto na época do julgamento. A ele é atribuída a frase de que uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade. Ou talvez, seja essa frase uma *fake news* atribuída a ele. É

¹ Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais (GP 16 Comunicação e Educação) do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Jornalista e Educador. Cursa Especialização em Mídias e Educação no IFSULDEMINAS, e-mail: miquessada@yahoo.com.br.

³ Orientadora do Trabalho. Docente do curso Mídias e Educação do IFSULDEMINAS, e-mail: licia.pisa@ifsuldeminas.edu.br

inegável, contudo, que a disseminação de mentiras contra os judeus reforçou o antissemitismo do povo alemão.

Traçado um paralelismo com o presente, a repetição de mentiras – principalmente no âmbito político – corrobora para que as pessoas tomem como verdades aquilo que vem ao encontro de suas crenças, mesmo carecendo de fontes fidedignas. E uma vez a mentira tomada como verdade, não é fácil convencer as pessoas de que a informação é falsa. Os boatos sempre existiram. De acordo com Simões (2017), na informática eles ficaram conhecidos como *hoax*. Na comunicação: *fake news*. Há ainda quem confere o nome de desnotícia, visto que a linguagem é similar à jornalística. No campo jurídico, a divulgação de boatos pode ser enquadrada como calúnia, injúria ou difamação. Na linguagem bíblica-cristã é vista como falso testemunho. Apesar de o termo ser recente, a propagação de mentiras com a finalidade de prejudicar pessoas e autoridades sempre existiu e manteve registros na história como forma de comprovação.

Lutar contra as *fake news* tem sido a tônica das discussões em ano eleitoral. Embora a legislação preveja criminalizar os que divulgam boatos, é sabido que a velocidade de propagação das *fake news* nem se compara a uma ação que é ajuizada. Mais que combater pelas formas legais, é preciso educar o indivíduo para receptividade das informações que recebe. Nesse contexto, o empoderamento por meio da alfabetização midiática e informacional é uma alternativa para identificação dos boatos e principalmente dos motivos que levam a fabricação de mentiras contra um deputado que se destaca por defender pautas polêmicas como direitos humanos, liberdade religiosa, direitos da comunidade LGBT, entre outras.

A pós-verdade e as *fake news*

Anualmente, o departamento da universidade de Oxford – responsável pela elaboração de dicionários – elege uma nova palavra. Em 2016, o termo escolhido foi o substantivo *post-truth*, que traduzido para o português significa pós-verdade. É creditado ao dramaturgo sérvio-americano Steve Tesich o uso do substantivo pela primeira vez em um ensaio para a revista *The Nation*. O dicionário reconhece que o termo pode ter sido usado anteriormente, mas não com o sentido que lhe é atribuído na atualidade conforme descrito pelo dicionário: "qualidade de aparência ou ser sentida como verdadeira, mesmo que não necessariamente verdadeira". O termo *pós* nesse caso não se refere a uma época depois da verdade, mas a um contexto em que a verdade é irrelevante, principalmente no

âmbito político. Em relação ao ano de 2015, o uso da palavra na Internet aumentou dois mil por cento devido ao contexto do Brexit (saída do Reino Unido da União Europeia) e da eleição dos EUA. Ambos os acontecimentos foram alimentados por *hoax*. O portal Politize⁴ mostrou que 33 das 50 *fake news* mais disseminadas no Facebook estavam relacionadas à política. Em monitoramento realizado pelos economistas Hunt Allcot e Matthew Gentzkow⁵ foi constatado que as postagens pró-Trump foram compartilhadas 30 milhões de vezes ao passo que as pró-Hillary atingiram apenas 8 milhões de compartilhamentos. Boatos como o que o Papa Francisco apoiava Trump e que o presidencialista oferecia uma passagem de ida à África e ao México foram alvos de grande interação por parte dos internautas.

No mesmo ano, a revista britânica *The Economist* publicava um artigo chamado a Arte da Mentira. Nele, a verdade é vista como secundária e o objetivo é reforçar preconceitos, tendo como protagonista Donald Trump. A revista o considera como o exponencial da pós-verdade e diz que habita em um mundo fantástico em que a certidão de Obama foi falsificada, que os Clintons são assassinos entre outras declarações. O periódico define a pós-verdade e a relação dela com Trump como “*a reliance on assertions that “feel true” but have no basis in fact. His brazenness is not punished, but taken as evidence of his willingness to stand up to elite power*”. Dessa forma, nas campanhas eleitorais, o que importa são os sentimentos e não os fatos. A revista havia feito uma previsão que caso Trump perdesse as eleições, a pós-verdade não seria tão ameaçadora quando comparada a países como Rússia e Turquia em que os autocratas usam essas técnicas para calar os oponentes. O fato é o Donald Trump tornou-se o 45º presidente dos EUA e ele acusa a maioria da imprensa estadunidense de desonestidade e de servirem à oposição. O portal G1⁶ mostrou que no fim de 2017, ele organizou um concurso a fim de coroar o rei das notícias falsas e apresentou três candidaturas: CNN, ABC e a revista Time. As categorias são: notícia falsa, mais falsa e a mais falsa, visto que os três órgãos de imprensa tiveram que retificar matérias que publicaram sobre o então presidencialista.

⁴ MERELES, Carla. Notícias Falsas e Pós-Verdade: o mundo das Fake-news e da (Des)informação.

Disponível em: < <http://www.politize.com.br/noticias-falsas-pos-verdade/>> Acesso em 20 dez. 2017

⁵ VENTURINI, Lilian. Qual o impacto das fake News sobre o eleitor dos EUA, segundo este estudo.

Disponível em: < <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/01/14/Qual-o-impacto-das-fake-news-sobre-o-eleitor-dos-EUA-segundo-este-estudo>> Acesso em 20 de fev. 2018

⁶ Disponível em: < <https://g1.globo.com/mundo/noticia/trump-organiza-concurso-para-coroar-o-rei-das-noticias-falsas.ghtml>> Acesso em 10 de jan. 2018

A revista Super Interessante⁷ realizou um balanço das palavras e expressões que marcaram 2017, e entre os termos apresentados, aparecem as *fake news* que foi consolidada com a eleição de Trump. Se em 2016, o dicionário de Oxford escolheu a *post-true* como palavra do ano, em 2017 o dicionário Collins elegeu as *fake news* como a expressão que sintetizou o ano, visto que houve um aumento de 365% do uso da palavra. O periódico ainda cita o estudo da FGV que apontou que nas eleições de 2014 mais de 10% das interações nas redes sociais foi realizado por contas automatizadas. O estudo vem ao encontro da reportagem produzida pela BBC⁸, que mostrou que foi utilizado um exército de perfis falsos para influenciarem as eleições do país. A revista Época⁹ abordou que em 2017 as *fake news* viraram notícias e que elas foram usadas para manipular as eleições. Diante da crise da indústria do jornalismo, as *fact-checking* - agências de jornalismo especializadas em checar informações - ganharam espaço.

O dicionário Collins¹⁰ define *fake news* como informações falsas, muitas vezes sensacionalistas, divulgadas para enganar leitores. Simões (2017) aponta *hoax* como sinônimo de *fake news*, sendo que o primeiro uso é ligado à informática e o segundo à comunicação, mas ambos podem ser usados para abordar mentiras na Internet. Soprana e Valera (2018) esclarecem que o termo *fake news* está sujeito a interpretações de várias nuances: “a depender do contexto pode significar informação imprecisa, manchete sensacionalista, peça humorística, charge irônica, discurso de ódio ou conteúdo propagandístico¹¹”. Tardáguila (2018) admite que o termo não dá conta de sua abrangência. Apesar de difundida, a consultoria Ideia Big Data mostra que 45% dos brasileiros nunca ouviram falar no termo. Mas nem tudo está perdido. A mesma consultoria revela que 67% dos brasileiros busca a imprensa para saber se uma informação é verdadeira ou não.

⁷ ELER, Guilherme. As palavras e expressões que marcaram 2017. Disponível em : <
<https://super.abril.com.br/sociedade/as-palavras-e-expressoes-que-marcaram-2017/>> Acesso em 11 jan. 2018

⁸ GRAGNANI, Juliana. Exclusivo: Investigação revela exército de perfis falsos usados para influenciar as eleições no Brasil. Disponível em < <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-42172146>> Acesso em 12 jan.2018.

⁹ EPOCA. Retrospectiva 2019: o ano em que as fake News viraram notícias. Disponível em<
<https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2017/12/retrospectiva-2017-o-ano-que-fake-news-viraram-noticia.html>> Acesso em 13 de jan. 2018

¹⁰ VEJA. Fake News é eleita a palavra do ano por dicionário Collins Disponível em <
<https://veja.abril.com.br/mundo/fake-news-e-eleita-palavra-do-ano-por-dicionario-collins/>> Acesso em 14 de jan. 2018

¹¹ SOPRANO, Paula; VALERA, Gabriela. Ecos da Guerra aos Fatos. Disponível em: <
<https://epoca.globo.com/tecnologia/experiencias-digitais/noticia/2018/01/ecos-da-guerra-aos-fatos.html>>
Acesso em 20 jan. 2018

Boatos: História e propagação

DiFonso (2009) classifica os boatos como afirmações sobre informações não verificadas que circulam em relação a assuntos que pessoas consideram importantes; surgem em situações de ambiguidade, ameaça real ou potencial e são usados por pessoas que tentam compreender ou gerenciar riscos. Para o autor, são atos de comunicação.

Darnton (2012) traz em sua pesquisa que os libelos informavam uma população alfabetizada e semialfabetizada da França produzindo calúnias contra as figuras públicas. O autor afirma que “calúnia e difamação sempre foram um negócio sórdido [...] Ao destruírem reputações, ajudaram a deslegitimar regimes e derrubar governos em diversas épocas e lugares” (p. 20). Os libelistas afirmavam que havia notícias falsas e verdadeiras e que isso de certa forma cabia ao leitor descobrir o que era boato ou não da vida sexual e política dos atores ligados à igreja, à monarquia, à polícia e a toda esfera de poder. E mesmo toda a repressão policial mostrou incapaz de conter os boatos. Em alguns casos, o contratado para investigar os libelistas era o próprio criador das mentiras.

O registro da calúnia, contudo, é muito anterior à Idade Média. Matheus (2016) explica que o historiador Tácito (55-120) considerava as notícias falsas como um fator histórico, visto que ele falava das forças dos boatos, pois as pessoas fingem enquanto acreditam, fantasiam e acreditam, ou ainda, imaginam e ao mesmo tempo acreditam nas próprias imaginações. Mais antigo ainda que Tácito, são os escritos bíblicos. Os judeus, por exemplo, eram frequentemente alertados, inclusive um dos dez mandamentos é sobre a calúnia: “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo” (Ex. 20:13). Mais adiante consta outra declaração: “Não espalharás notícias falsas, nem darás a mão ao ímpio para seres testemunha de injustiça” (Ex.23:1). Entretanto, as advertências são repetidas em outros livros da Bíblia, como Provérbios em que diz: “O homem perverso provoca dissensão, e o que espalha boatos afasta bons amigos” (Pv. 16:28). A bíblia deixou um legado de versos que tratam a respeito da calúnia e do perigo para aqueles que dela utilizam. O Papa Francisco foi mais além e comparou as notícias falsas como táticas de cobra ao dizer que a primeira *fake news* foi dita pela serpente. Para o pontífice, elas são um sinal de atitudes intolerantes e hipersensíveis e levam apenas a difusão de arrogância e ódio, o que seria o resultado final da mentira.

DiFonzo (2009) afirma que as pessoas aceitam qualquer tipo de informação não apenas por serem ingênuas, mas por alimentar as relações sociais e fortificar as opiniões anteriores. Os boatos são classificados pela tensão emocional que provocam três tipos sensações: esperança, medo e ódio. E o que o autor chama de viés negativo é o responsável para a tendência humana dar mais crédito a uma informação negativa do que uma positiva. Na política, os boatos têm o propósito de justificar o preconceito em relação ao grupo rival. E não pode cair na ingenuidade de acreditar que as pessoas que compartilham boatos são ingênuas ou desprovidas de inteligência. Apesar de não usar o conceito de viés de confirmação, DiFonzo atribui que as pessoas compartilham o boato porque "ele está em consonância com os sentimentos, ideias, atitudes, estereótipos, preconceitos, opiniões ou condutas dos ouvintes de forma que o ouvinte está em uma condição favorável à aceitação do boato" (p. 120). Já Sundar (2018) explica que o fenômeno psicológico do viés da confirmação corresponde à tendência inata de acreditar em informações que confirmam ou correspondam às nossas crenças ou concepções. De forma diferente dos jornalistas, que procuram diferentes lados de uma história, os consumidores de notícias são impulsionados pelo desejo de preservar o próprio ego, facilitando assim a crença em boatos que se adaptam às suas convicções.

Ativismo nas redes sociais

Tanto Recuero (2009) como Ugarte (2008) resgatam o conceito de Baran (1964) ao discutirem as três topologias básicas das redes de comunicação: distribuídas, centralizadas e descentralizadas. Coube a Franco (2008) aplicar o mesmo conceito às redes sociais. Recuero (2009) traz ainda o conceito de rede igualitária (BARABÁSI, 2003) que se equivale à rede distribuída, já que cada nó possui mais ou menos o mesmo número de conexões. Ugarte (2007) explica que nas redes distribuídas – redes de iguais – ninguém depende de ninguém para levar ao outro a sua mensagem. Essas redes levam vantagem sobre as descentralizadas, já que não dependem de nenhum filtro para que a informação chegue a outrem. No jornalismo, o autor já sinalizava o fim do modelo tradicional da fábrica de notícias, já que as fontes não estão disponíveis apenas aos jornalistas, e cabe a ele, a análise e a interpretação das fontes. As redes distribuídas permitiram autonomia ao usuário e ao romper a divisão “entre emissores e receptores, a

nova estrutura da informação acaba com o jornalista como técnico especializado, fazendo, de cada um, um jornalista do seu próprio meio” (p. 30).

Ugarte (2008) aborda ainda o desenvolvimento do ciberativismo, que é gerado no discurso, nas ferramentas e na visibilidade. “Um ciberativista é alguém que utiliza Internet, e, sobretudo, a blogosfera, para difundir um discurso e colocar à disposição pública ferramentas que devolvam às pessoas o poder e a visibilidade que hoje são monopolizadas pelas instituições (p. 42)”. O ciberativismo é visto como uma estratégia para que outros tomem conhecimento daquilo que publicamos.

O advento da Internet, conforme mostra Recuero (2009, p. 24) trouxe a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC). A rede social – composta de atores e suas conexões – permite a conexão de um grupo social. Ela traz dois conceitos que explicam a manutenção da rede social pelos autores. O primeiro é o imperativo da visibilidade (SIBILIA, 2003), que é a necessidade de exposição pessoal que exacerba o individualismo e de que precisa ser visto para existir no ciberespaço. Outra ideia é a de Donath (1999) que defende que a percepção do outro é essencial para interação humana.

Mais que expressar e sociabilizar, as redes sociais difundiram informações por meio das conexões entre os atores de modo mais rápido e interativo. Muitas das informações são difundidas de forma epidêmica e alcançam grandes proporções, que na visão de Barabási (1964), é consequência da existência de indivíduos bem conectados nas redes sociais. A difusão de informações nas redes leva em conta o capital social relacional e o cognitivo. Este último tem a intenção de informar ou gerar conhecimento. Um exemplo abordado por Recuero – uma *fake news*, apesar da autora não utilizar o termo – foi a de que o Orkut seria pago. Isso fez com que “as pessoas sentissem na obrigação de repassá-la aos seus conhecidos, para que todos soubessem do fato (p.120)”. O crescimento da Internet também foi abordado por Difonzo (2008) na perspectiva dos boatos. A Internet preparou o caminho para a disseminação de boatos desprovidos de fundamento, mas também permitiu às pessoas a possibilidade de verificarem os fatos.

Quem fabrica e quem desmente os boatos

Lopes e Matsuki (2016) listaram alguns sites de cunho humorístico que produzem notícias falsas com intuito de divertir, mas que muitas vezes são levados a sério e as

peessoas compartilham os boatos como se fossem verdades. O maior portal desse tipo é o Sensacionalista, que é parceiro da UOL, da Veja e produz diariamente diversos boatos. Outro portal é o Joselito Muller, considerado por Lopes¹² como um site especializado em notícias políticas. Já Matsuki¹³ o considera como o site mais polêmico e especialista em produzir fakes contra políticos de esquerda. Há ainda os sites G17¹⁴, Sacizento¹⁵, Enfu¹⁶, entre outros. Para Lopes, o layout jornalístico desses sites corrobora para que o leitor acredite na história. Esses sites veiculam anúncios e se enquadram no grupo que fabrica mentira para obter uma vantagem pecuniária. Usar o boato para obter dinheiro era um recurso usado pelos libelistas na Europa que, em alguns casos, enriqueceram ao difamar os poderosos (DARNTON, 2012).

Bergmasco, Bronzatto e Gonçalves (2018) além de reconhecerem o grupo que visa ao dinheiro por meio de anúncio, também admitem que entre os propagadores há os “militantes empenhados em atacar a reputação dos adversários políticos de seus candidatos” (Revista Veja, 51, p. 44). Seja com viés pecuniário ou político, as agências de *fact-checking* fazem o papel checar os fatos, isto é, um confronto de histórias com dados, pesquisas e registros (Agência Pública, 2017). O início dessa prática remonta ao ano de 1991, quando o jornalista Brooks Jackson recebeu a missão de checar as informações dos candidatos à presidência dos EUA: George Bush e Bill Clinton em 2003. No Brasil, a pioneira é agência Lupa, que desde 2004 atua com checagem das notícias. Além de identificar o que é verdadeiro ou falso, ela lista as frases que analisa com oito etiquetas, a saber: verdadeiro (a informação está comprovadamente correta); verdadeiro, mas (a informação está correta, mas o leitor merece mais explicações); ainda é cedo para dizer (a informação pode vir a ser verdadeira. Ainda não é); exagerado (a informação está no caminho correto, mas houve exagero); contraditório (a informação contradiz outra difundida antes pela mesma fonte); insustentável (não dados públicos que comprovem a informação), falso (a informação está comprovadamente incorreta) e de olho (em monitoramento).

¹² LOPES, H. Gilmar. Disponível em: < <http://www.e-farsas.com/arquivo-htm>> Acesso em 18 de jan. 2018

¹³ MATSUKI, Edgar. Para curtir e não acreditar. 7 sites de notícias falsas que enganam os incautos. Disponível em: < <http://www.boatos.org/brasil/7-sites-de-noticias-falsas-que-enganam-incautos.html>> Acesso em 19 jan. 2018

¹⁴ Disponível em: < <http://www.g17.com.br/>> Acesso em 20 de jan. 2018

¹⁵ Disponível em: < <http://sacizento.bol.uol.com.br>> Acesso em 20 de jan. 2018

¹⁶ Disponível em: < <https://www.enfu.com.br/>> Acesso em 20 de jan. 2018

Outros dois exemplos de *fact-checking* são os sites Boatos¹⁷ e o E-farsa¹⁸, gerenciados por Edgard Matsuki e Lopes, respectivamente. A Veja possui o blog Me engana que eu posto¹⁹, comandado pelo jornalista João Pedroso de Campos. Há também o Aos Fatos²⁰ que é especializado em analisar os fatos políticos e, à semelhança da Lupa, também faz uma classificação nas declarações da seguinte forma: verdadeiro, impreciso, exagerado, contraditório, insustentável e falso. Matsuki (2018) lista algumas características para identificação de um *hoax* e que a forma como os textos são elaborados conferem sucesso ao boato. Informações exatas como datas tendem a perder a validade. Já textos que trazem a data como um amanhã circulam por mais tempo. Pedido de compartilhamento e caráter alarmista também são sinais de que o texto pode ser falso. Por fim, cita quatro características de ouro: “textos vagos (sem citar fontes, locais ou datas), alarmistas, com pedido de compartilhamento e com erros de ortografia. A última característica denota que muitas pessoas que criam os boatos não têm o domínio da norma culta da língua portuguesa”.

A alfabetização midiática e informacional na luta contra fake-news

Fernandez (2018) aponta que o leitor deve participar de maneira crítica no consumo de notícias, já que ele possui o direito de receber uma informação verdadeira e deve criticar o que produz notícia falsa. Com base no estudo realizado pela *Pew Research*²¹ acerca das eleições presidenciais nos EUA, foi constatado que 14% dos que divulgaram *hoax* pela rede, fizeram sabendo que a informação era falsa. Por isso, além de fornecer ferramentas básicas para avaliar a credibilidade de uma notícia, é preciso oferecer uma perspectiva cívica que deve começar na escola por meio da alfabetização midiática. Como a maioria dos jovens usa as redes sociais para conquistar o acesso à informação, a autora defende que a alfabetização midiática deva fazer parte do currículo escolar de modo que se forneça aos jovens as ferramentas para que avaliem a qualidade de informação e que já existem diversas iniciativas nesse sentido, mas que não se pode

¹⁷ Disponível em: < <http://www.boatos.org/>> Acesso em 22 jan. 2018

¹⁸ Disponível em: < <http://www.e-farsas.com/>> Acesso em 22 jan. 2018

¹⁹ Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/blog/me-engana-que-eu-posto/>> Acesso em 22 jan. 2018

²⁰ Disponível em: < <https://aosfatos.org/>> Acesso em 22 jan. 2018

²¹ Disponível em: < <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2018/01/22/Como-as-%E2%80%98fake-news%E2%80%99-podem-ser-um-incentivo-%C3%A0-%E2%80%98alfabetiza%C3%A7%C3%A3o-midi%C3%A1tica%E2%80%99>> Acesso em 23 jan. 2018.

ser restrito apenas às escolas, mas aos veículos de informação também. E ela vê na rede mais que um lugar de amplificação de notícias falsas, mas a oportunidade de lutar contra essas notícias e de conseguir um jornalismo de qualidade.

As falsas informações também atingiram a Igreja a ponto de o Papa Francisco escrever uma mensagem para o LII dia mundial das comunicações sociais. No documento *A verdade vos tonaráis livres: Fake News e jornalismo de pazo* líder máximo da igreja católica reconhece que ninguém pode se eximir da responsabilidade de contrastar as falsidades e louva as “iniciativas educativas que permitem aprender como ler e avaliar o contexto comunicativo, ensinando a não ser divulgadores inconscientes de desinformação, mas atores do seu desvendamento²²”.

O processo de disseminar e consumir informação falsa ou distorcida sem perceber, devido à ausência de interpretação crítica e checagem de fontes, construindo para infecção generalizada da desinformação na web é chamado de zumbificação da informação (LEITE; MATOS 2017). Nessa metáfora, definida pelos autores, há uma proposta de "cura" que envolve processos individuais de aprendizagem e coletivos de desenvolvimento. Um problema apontado é que o excesso de informação sobrecarregou o sistema cognitivo e ela perdeu sua principal finalidade: informar.

A AMI (MIL) é defendida pela UNESCO que elaborou um guia para que os professores alfabetizem informacional e midiaticamente e que essa alfabetização seja apresentada aos alunos, visto que há diferentes formas de alfabetização, e a AMI é apenas mais uma delas. É bom lembrar que Freire (1982) já assinalava que a alfabetização devia ultrapassar os limites da pura decodificação da palavra escrita, além de ser um ato político e de conhecimento. Vicenzi (2013) elege o analfabeto midiático como o pior de todos analfabetos, visto que sem questionar, falando e repetindo o que ouviu, ele "não participa dos acontecimentos políticos [...] mas usa as redes sociais com ganas e ânsias de quem veio para justificar o mundo. Prega ideias preconceituosas e discriminatórias, e interpreta os fatos com a ingenuidade de quem não sabe quem o manipula".

Em seu Guia de AMI, a UNESCO (2013) defende que as competências que são adquiridas pela alfabetização midiática e informacional equipam os cidadãos com habilidades de raciocínio crítico de forma que eles consumam serviços de alta qualidade

²² Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html> Acesso em 26 jan. 2018

de mídias e de outros provedores de informação. É preciso que alguns requisitos sejam garantidos para usufruir os benefícios da AMI, a saber:

A fim de usufruir dos benefícios da AMI, são necessários os seguintes requisitos. 1. a alfabetização midiática e informacional deve ser considerada como um todo e deve incluir uma combinação de competências (conhecimentos, habilidades e atitudes); 2. o currículo da AMI deve permitir que os professores ensinem a alfabetização midiática e informacional aos alunos com o objetivo de prover-lhes as ferramentas essenciais para que eles possam engajar-se junto às mídias e aos canais de informação como jovens cidadãos autônomos e racionais; 3. os cidadãos devem ter conhecimentos sobre a localização e o consumo de informações, bem como sobre a produção de informações; 4. as mulheres, os homens e os grupos marginalizados, como as pessoas com deficiências, os povos indígenas ou as minorias étnicas, devem ter acesso igualitário à informação e ao conhecimento; 5. a AMI deve ser vista como uma ferramenta essencial para facilitar o diálogo intercultural, a compreensão mútua e a compreensão cultural entre os povos.

Jean Wyllys: um notório caso de boatos

Jean Wyllys ficou conhecido nacionalmente após participar e sagrar-se campeão da quinta edição do Big Brother Brasil. Graduado em Jornalismo e em Letras, Wyllys atuou como professor universitário. Atualmente é colunista, escreve para portais e é apresentador do programa Cinema em Outras Cores no Canal Brasil. Em 2010, foi eleito pela primeira vez deputado federal (PSOL-RJ) com pouco mais de 13 mil votos. Na sua reeleição, contudo, sua votação aumentou 11 vezes mais, ultrapassando a marca dos 144 mil votos. Assumidamente gay e defensor da agenda LGBT, já foi escolhido pela revista *The Economist* uma das 50 personalidades incluídas na Lista Global da Diversidade, além de ser agraciado mais que uma vez pelo Prêmio Congresso em Foco. No site do parlamentar constam outras honrarias recebidas durante o mandato parlamentar. A atuação e projeção política não trouxeram apenas prêmios, mas também uma série de *hoax* que são disseminados continuamente. Levantamento realizado pela *Veja*²³, Wyllys é o 11º na lista dos que sofrem com boatos, mas é o único em que todas os boatos veiculados são de caráter negativo. Por outro lado, Jair Bolsonaro ocupa a 7ª posição e das *fakes* produzidas contra ele, 22% tem viés negativo, 11% neutro e 67% positivo – sendo o único parlamentar a ultrapassar mais de 50% de boatos com viés positivo.

²³ VEJA. A ameaça das fake news. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/revista-veja/a-ameaca-das-fake-news/>>. Acesso em 15 de fev. 2018

Uma das *fake news* mais difundidas é a que o deputado Wyllys havia afirmado que a bíblia é uma piada e que os cristãos são palhaços. A matéria por disseminada por inúmeros sites de natureza gospel. O site Boatos explica que supostamente em 2011, uma reportagem realizada pela JB Wiki apontava que Wyllys declarava guerra contra os cristãos. Logo após, surgiu o post no Facebook e milhares de pessoas compartilharam. O site não sabe precisar de quem foi a iniciativa e como surgiu. O texto diz o seguinte: “A bíblia é uma piada, quem crê nela é um palhaço e as igrejas são uns circos. Pronto falei!” No boato ainda havia uma exigência de cassação contra o deputado. O parlamentar do PSOL usou sua *fanpage* para desmentir o boato – que circula desde o início do mandato dele – e mostrar sua história de religiosidade. Apesar de não revelar o autor do *hoax*, ele sugere conhecer ao afirmar que “são fabricados nos computadores de gabinetes da Câmara dos Deputados, a metros do meu escritório, pagos com dinheiro público e "viralizados" através de campanhas que custam caro”. No fim, ele publica uma mensagem sobre o livro cristão: “A bíblia é fonte de fé e inspiração para milhões de pessoas no mundo. Quem usa meu nome para dizer que ela é uma piada e ofender os que acreditam nela é um canalha”.

Em junho de 2015, circulou nas redes sociais o seguinte boato: “Jean Wyllys propõe emenda à bíblia para retirar trechos homofóbicos”. A postagem viralizou e recebeu inúmeras críticas de pessoas que a levaram a sério. Não faltaram internautas que o condenaram no sentido religioso do termo por retirar uma parte do livro sagrado. A autoria do texto foi da página Joselito Muller. Tanto o site E-farsa como o Boatos desmentiram o fato.

Ainda em 2003, outro *hoax* a respeito do deputado é que ele junto com a bancada gay havia protocolado um projeto pedindo a anulação do casamento evangélico. O site de humor Sensacionalista²⁴ foi o autor da matéria e ela foi escrita em resposta à tentativa de barrar o casamento de pessoas do mesmo sexo por parte da bancada evangélica. Nesse caso, o pastor David Morgado da Rede Promessa postou como verdadeira a notícia e mesmo sendo alertado que era falsa, decidiu mantê-la. O deputado acionou a Polícia Federal. Devido a essa falsa notícia, um homem ameaçou, pelo Facebook, Wyllys de morte e a 2ª Vara Federal de Natal o condenou a prestar serviços comunitários em uma

²⁴ Disponível em: < <https://www.sensacionalista.com.br/2013/04/22/bancada-gay-lanca-projeto-de-lei-para-proibir-casamento-de-evangelicos/> > Acesso em 12 mar. 2018

instituição que ajuda homossexuais. O caso foi exposto pelo parlamentar em um artigo da revista Carta Capital. O site de humor publicou uma nota em defesa do deputado:

O Sensacionalista apoia o deputado Jean Wyllys nessa iniciativa e lamenta o episódio. Acreditamos que o humor cumpre um papel muito importante na sociedade, denunciando os absurdos de forma irônica e promovendo a reflexão. O Sensacionalista não tem a intenção de se passar por real: é um site de humor, como seu próprio nome anuncia. A produção nacional de piadas reais, entretanto, torna a nossa missão cada vez mais difícil. (Site Sensacionalista)

Não são apenas os usuários das redes sociais e religiosos que acreditam nas *fake news*. Elas já foram objetos de discurso em diferentes casas legislativas. Na Câmara de Feira de Santana – BA, o vereador Edvaldo Lima (PP) discursou contra o projeto do parlamentar do PSOL que retira da bíblia trechos homofóbicos e propôs uma moção de repúdio ao deputado. Após o vídeo conseguir alcance nacional e descobrir que se tratava de um boato, foi emitido uma nota pública pela Câmara que assim que o vereador foi alertado pela inveracidade da notícia, a votação da moção foi abortada. Em Ponta Grossa – PR, o vereador e pastor Ezequiel Bueno (PRB) acreditou no boato de que Pablo Vittar e Jean Wyllys percorreriam as escolas do país para difundir a ideologia de gênero e ameaçou prender o cantor que se apresentaria na cidade. O quadro a seguir apresentará as principais *fake news* contra o deputado:

Boato	Ano	Origem	Tema Envolvido	Características
1. Wyllys afirmou que a bíblia é uma piada e que os cristãos são palhaços.	2011	Desconhecida	Preconceito Religioso	A matéria foi disseminada por inúmeros sites de natureza gospel.
2. “Jean Wyllys propõe emenda à bíblia para retirar trechos homofóbicos”.	2015	A autoria do texto foi da página Joselito Muller	Homofobia	Texto publicado no site de humor
3. Licença-maternidade para quem realizasse o aborto.	2015	A autoria do texto foi da página Joselito Muller	Aborto	O projeto previa um kit aborto e um cartão do programa Bolsa-Família.
4. Jean Wyllys pediu a prisão de uma professora cristã que orava antes das aulas e recusou a cartilha do kit-gay.	2016	Autoria desconhecida	Homossexualidade	A imagem utilizada da professora era real, mas o contexto bem diferente do publicado.

5. Wyllys protocola um projeto pedindo a anulação do casamento evangélico.	2003	Site Sensacionalissta	Casamento	Inúmeros posts no Facebook foram disseminados. Veiculado em site de humor
6. Wyllys (PSOL-RJ) e a deputada Maria do Rosário (PT-RS) propuseram um projeto para descriminalizar a pedofilia.	2017	Desconhecida	Pedofilia	Um cartaz nas mãos da parlamentar em que dizia que a pedofilia não era crime, mas doença.
7. Outro boato era que o deputado havia proposto um projeto para legalizar o casamento entre pessoas e animais.	Indefinida	A autoria foi do site Joselito Muller	Casamento	O boato dizia que o projeto de Jean tinha sido feito juntamente com a deputada Maria do Rosário.
8. Ratinho alerta sobre o filme Corpus Christh do diretor safado Jean Wyllys em que mostra Jesus e os discípulos gays	Indefinida	Grupos de Whatsapp	Homossexualidade	Apresenta erros de ortografia que geralmente fazem parte destes boatos.
9. O boato de que ele teria dado uma entrevista para a CBN em que defende a pedofilia.	2013	Desconhecida	Pedofilia	Imagem simulando um estúdio de gravação.
10. A notícia dizia que ele e com o músico Pablo Vittar fariam uma turnê pelo país para difundir nas escolas a ideologia de gênero.	2017	Desconhecida	Ideologia de Gênero	O texto teria sido tirado de uma postagem feita pelo político em sua conta do Twitter no dia 19 de julho de 2017.
11. Em um tuíte, ele teria defendido o casamento de crianças e muçulmanos.	2017	Desconhecida	Pedofilia	Imagem falsificada de um tuíte atribuído a ele.

Considerações Finais

Os boatos envolvendo o deputado Jean Wyllys – em sua maioria – mostram temas ligados à homossexualidade e pedofilia de forma que podem induzir o leitor, com o tempo, que ambos os temas possuem ligação. É notório que os boatos mesclam temas que

o parlamentar defende com assuntos completamente fora do seu contexto. O mínimo de conhecimento em alfabetização midiática e informacional ajudaria a identificar que as informações são falsas, inclusive para aqueles que não conhecem o trabalho do deputado. Entretanto, o exemplo dele é um caso típico de como o viés de confirmação passa por cima de qualquer tipo de análise, e a propagação das *fake news* alimenta o preconceito do eleitor para com o trabalho parlamentar do Wyllys, de modo que suas bandeiras – por mais polêmicas que sejam para alguns grupos – são completamente deturbadas. Ao atingirem as redes sociais, tomam proporções gigantescas e não há justiça que possa reparar tamanho prejuízo. As *fake news* devem ser encaradas como um instrumento de análise dentro da AMI para que além de identificar *hoax*, os indivíduos também estejam capacitados para combatê-los.

Referências

- ALMEIDA, João Ferreira de. Trad. **A Bíblia Sagrada** (revista e atualizada no Brasil) 2 ed. São Paulo. Sociedade Bíblica Brasileira, 1993
- ART OF THE LIE. Disponível em: <<https://www.economist.com/news/leaders/21706525-politicians-have-always-lied-does-it-matter-if-they-leave-truth-behind-entirely-art>> Acesso em 15 de jan. 2018
- DARNTON, Robert. **O diabo na água benta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- DiFONZO, Nicholas. **O Poder dos boatos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- HERF, Jeffrey. **O Inimigo Judeu**. São Paulo Edipro, 2014
- ÉPOCA, São Paulo: Globo, edição 1020, 15 de janeiro de 2018. 84 p.
- FONSECA, Bruno. **O que é fact-checking**. Portal A Pública. Disponível em <<https://apublica.org/2017/06/truco-o-que-e-fact-checking/>> Acesso em 19 de jan. 2018.
- GRAGNANI, Juliana. Exclusivo: Investigação revela exército de perfis falsos usados para influenciar as eleições no Brasil. Disponível em <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-42172146>> Acesso em 12 jan.2018.
- GRIZZLE, Alton; MOORE, Penny; DEZUANNI, Michael; ASTHANA, Sanjay; WILSON, Carolyn; BANDA, Fackson; ONUMAH, Chido. Media and Information Literacy - Policy and Strategy Guidelines. UNESCO, Paris, 2013
- LEITE, Leonardo R. T.; MATTOS José Cláudio. **Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional**. In: XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 26, 2017, Fortaleza. Anais...Fortaleza: FEBAB, 2017.
- MATSUKI, Edgard. Entrevista concedida a Miguel Quessada. Bebedouro, 11 jan. 2018 (entrevista por e-mail).
- RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).
- SANTOS, Filipe M.P. **Os bastidores da paródia de notícias: sensacionalista e cia**. Curitiba: Appris Editora, 2016.

SIMOES, Alessandra. Entrevista concedida a Miguel Quessada. Bebedouro, 28 de set. 2017 (entrevista por e-mail)

SIMOES, Alessandra. **Hoax - o avanço tecnológico e a propagação de boatos**. In IX Simpósio Nacional ABCiber. São Paulo, PUC, 2016.

SOPRANO, Paula; VALERA, Gabriela. **Ecos da Guerra aos Fatos**. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/tecnologia/experiencias-digitais/noticia/2018/01/ecos-da-guerra-aos-fatos.html>> Acesso em 20 jan. 2018

UGARTE, David de. **O poder das redes: Manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas chamadas a praticar o ciberativismo**. Tradução de Glenda Ávila e Oriana Jara. [2008]. Acesso em 24 de dez. 2017.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2565, ano 51, n. 3, 17 de janeiro de 2018. 100 p.

VEREADOR ACREDITA EM BOATO, AMEAÇA PABLO VITTAR E GERA REVOLTA. Disponível em : <<https://oglobo.globo.com/cultura/vereador-acredita-em-boato-ameaca-prender-pablo-vittar-gera-revolta-21960854#ixzz528JSk5JG>> Acesso em 20 de jan. de 2018.

TARTÁGUILA, Cristina; ORTELADO, Pablo. Entrevista concedida à CBN. São Paulo, 4 de jan. De 2018 Disponível em <<https://soundcloud.com/lupanews/polarizacao-politica-e-redes-sociais-propiciam-aumento-das-fake-news>>.

WYLLYS, Jean. **Uma decisão exemplar da justiça em caso de calúnias e ódio homofóbico**. Carta Capital. Disponível em

<<https://www.cartacapital.com.br/politica/uma-decisao-exemplar-da-justica-em-caso-de-calunias-e-odio-homofobico-7964.html>> Acesso em 30 de jan. De 2018

WORD OF THE YEAR 2016 IS. Disponível em <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>> Acesso em 25 de jan. 2018